Preços mundiais: um novo patamar

A quebra da safra de verão 1995/96, apesar dos estoques do governo, ocorre em um momento desfavorável: para várias commodities os indicadores do mercado mundial antecipam uma alta das cotações. A colheita menor impedirá os agricultores de ganhar com as vendas externas. Eventuais importações ficarão mais caras. Será difícil manter a âncora verde.

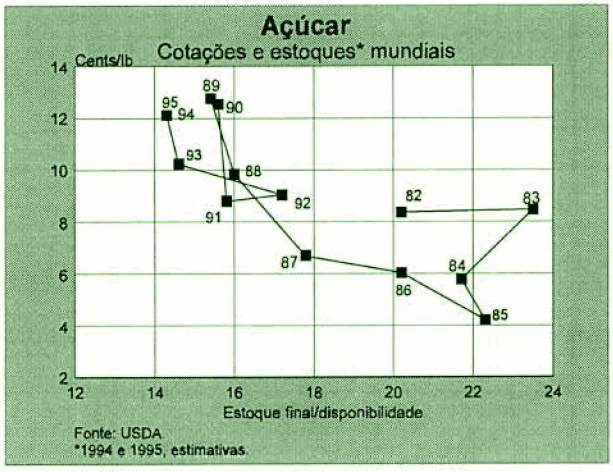
Após a supersafra colhida em 1995, as perspectivas para a produção a ser obtida em 1996 são bastante negativas. Os baixos preços recebidos pelos produtores rurais no ano passado, que se refletiram na descapitalização do setor e no endividamento dos agricultores, e a falta de estímulos oferecidos pela política agrícola se conjugaram para reduzir a área plantada na safra de verão 1995/96, o que foi considerado por alguns analistas uma situação confortável, de vez que permitiria escoar os estoques que se acumularam seja sob forma de AGF, seja de EGF especiais. Ainda mais que, sendo o Brasil agora uma economia aberta, qualquer deficiência no abastecimento ou, mais provavelmente, um aumento indesejado dos preços internos poderia ser facilmente sanado pelo próprio mercado através de compras no mercado mundial.

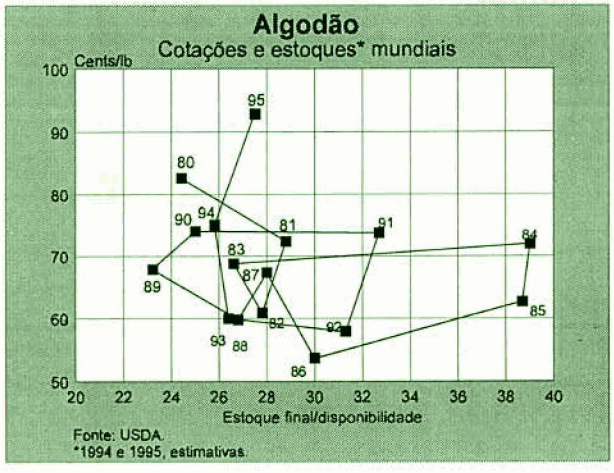
Contudo, o quadro dos preços de algumas das principais commodities no mercado mundial não corrobora essa análise. Os preços internacionais das commodities se encontram em fase de alta, que ainda não se refletiu no mercado interno em conseqüência da safra abundante colhida em 1995. Mas não é demais destacar que nas economias abertas os movimentos de preços tendem a se transmitir tanto na baixa quanto na alta. Vale a pena refletir sobre o desempenho dos preços num período mais longo.

Na década de 90, as cotações internacionais registraram uma reversão relativamente à década anterior. Tomando um conjunto selecionado de commodities, importantes do ponto de vista de sua participação tanto no comércio internacional quanto no mercado brasileiro, verifica-se um movimento quase comum: no início dos anos 80, as cotações se encontravam em níveis bastante elevados e entraram, a seguir, em uma trajetória declinante para se recuperar nos anos subseqüentes, atingindo em 1995 valores semelhantes aos do início do período. Em alguns casos o movimento foi quase linear. Em outros as oscilações foram significativas.

Múltiplos fatores influenciam o quadro desenhado: participação do produto no comércio internacional, existência de substitutos, concentração da produção e do consumo, políticas agrícolas e comerciais, condições climáticas, nível de atividade da economia, gostos e preferências do consumidor, dentre outros. Cada um dos fatores exerce uma influência diferente sobre os diversos produtos. Mas há também alguns aspectos de ordem geral que se refletem no movimento registrado.

Dentre os aspectos macroeconômicos que marcaram o período, devem-se citar a crise da dívida e a recessão, ambas ocorridas no início dos anos 80, a liberação e ampliação do comércio como resultado das longas negociações da Rodada Uruguai, que culminou em 1994 com a criação da Organização Mundial do Comércio, e os conseqüentes compromissos de redução de subsídios. Outro fato importante nos últimos anos tem sido a expansão do consumo nos países do sudeste asiático e na China, que em muitos casos passaram de exportadores a importadores de commodities.



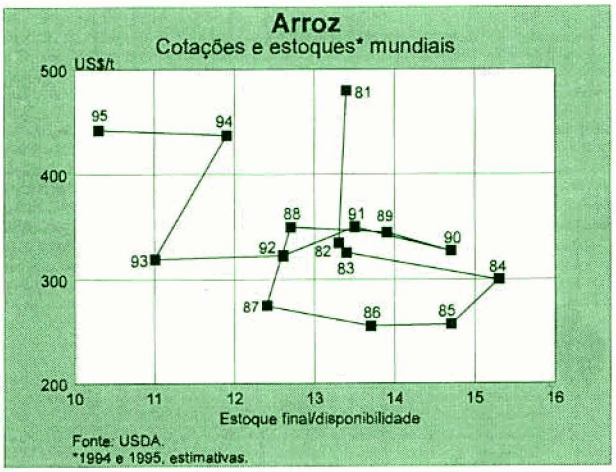


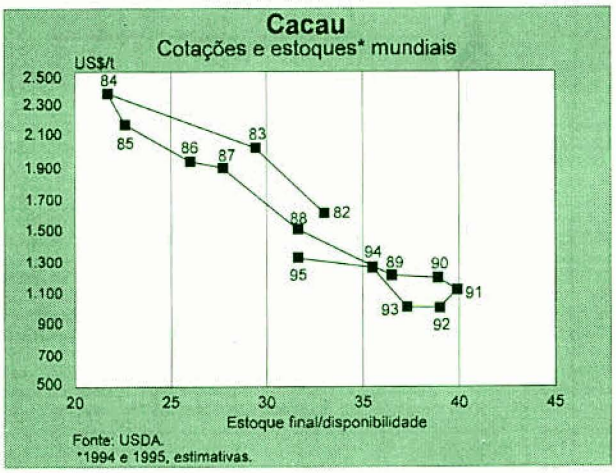
Há ainda a considerar a crescente importância dos mercados futuros de commodities como instrumento financeiro, introduzindo na formação dos preços influências alheias ao seu mercado em sentido mais restrito (oferta e demanda de dada commodity) e aumentando a volatilidade dos preços.

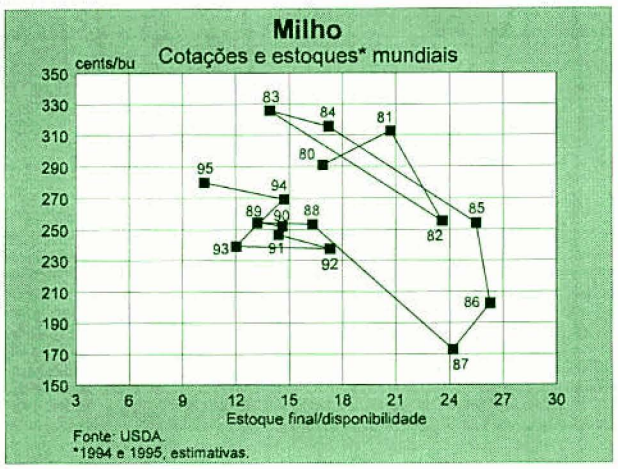
Como se vê há inúmeros fatores envolvidos nos movimentos temporais das cotações. Contudo a relação entre estoques (aqui representados pelos estoques como percentual da disponibilidade do produto) e preços pode ser considerada como um bom indicador sintético das tendências do mercado, já que ambas as variáveis cristalizam as múltiplas influências que se fazem sentir em cada momento.

Os gráficos ilustram essa afirmação. Como é de esperar, a correspondência entre situações de "estoques baixos = preços altos" ou "estoques altos = preços baixos" não é automática. Há, porém, uma clara correlação inversa entre as variáveis e alguns pontos relevantes podem ser inferidos.

Nos gráficos os eixos representam, respectivamente, as cotações (eixo y) e a relação percentual estoque final/disponibilidade (eixo x). Cada ponto do gráfico representa a combinação das variáveis x e y que se verificou em dado ano. Se outros fatores não exercessem influência sobre o movimento das variáveis, seria de esperar uma relação inversa entre as mesmas. Em outras palavras, a uma relação estoque final/disponibilidade alta corresponderia uma cotação baixa e vice-versa. Mas os outros fatores podem alterar essa situação. Por exemplo, no caso do açúcar, poderia supor-se que a cotação registrada em 1986 deveria ser superior à verificada no ano anterior, uma vez que a relação estoque final/disponibilidade é menor em 1986. Embora esses casos pontuais ocorram em vários anos, por força de variáveis que não estão sendo aqui analisadas, a tendência a prazo mais longo parece confirmar a hipótese inicial.







A seguir serão feitos alguns comentários específicos para cada produto.

Açúcar: nos anos 90, os estoques se encontram nos níveis mais baixos do período considerado, com exceção de 1980/81 (ano comercial internacional, de setembro a agosto). Trata-se de um mercado bastante regulamentado na maioria dos grandes países produtores e mesmo nos consumidores, como no caso dos EUA, onde vigora um rígido sistema de cotas de importação. O mercado também foi afetado pelas grandes mudanças políticas ocorridas no período, como o fim da URSS, que vinha sendo atendida pelo açúcar cubano.

Em 1995, as cotações médias do açúcar na Bolsa de Nova York se mantiveram praticamente estáveis em relação ao ano anterior, mas 15% superiores às do período 1990-94.

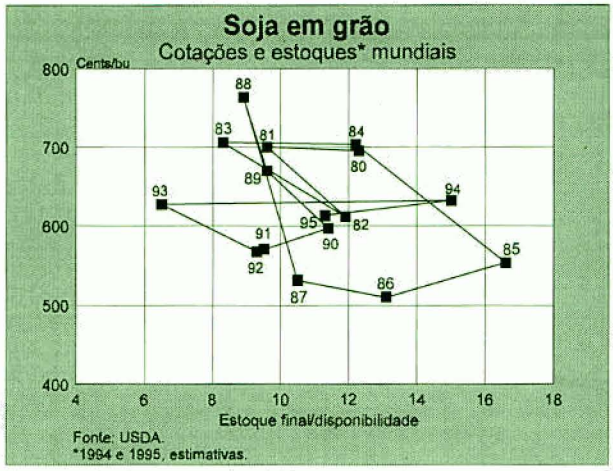
Algodão: mercado extremamente complexo que se vê afetado não somente pela situação da oferta e demanda do vegetal, mas pela concorrência das fibras sintéticas. Estas por sua vez refletem o comportamento do mercado de petróleo, sua matéria-prima. Do lado da demanda, nos anos recentes o movimento ecológico se constituiu em importante força propulsora do aumento da demanda. Há ainda a considerar que

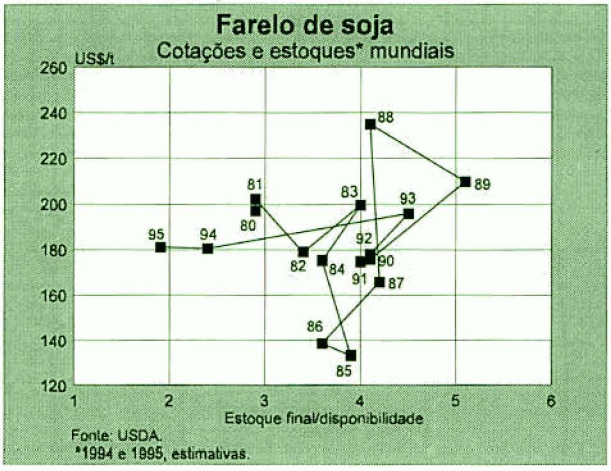
o mercado mundial é regido pelo acordo Multifibras, mesmo depois da Rodada Uruguai.

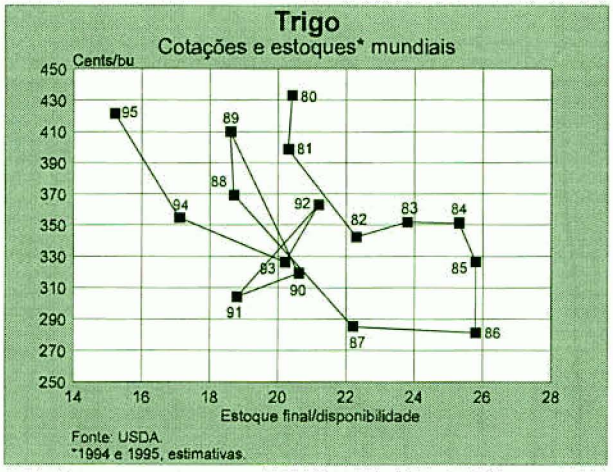
No Brasil, a abertura do mercado provocou intenso impacto, sobretudo pelas condições financeiras extremamente favoráveis obtidas pelos importadores de produtos manufaturados. Nesse contexto, os sinais de preços que deveriam incentivar uma expansão da lavoura não chegaram ao agricultor, que não pode se beneficiar da conjuntura de preços altos.

Em 1995, as cotações do algodão em pluma registraram elevação de 24% em relação ao ano anterior e de 36% em relação ao período 1990-94. Segundo o USDA, no ano comercial 1995/96, os estoques de algodão deverão aumentar cerca de 10%, o que deverá aliviar a pressão sobre os preços da fibra.

Arroz: produto que tradicionalmente se manteve à margem do comércio mundial, na medida em que os grandes produtores são também os grandes consumidores. Os preços costumam reagir fortemente a pequenas variações na demanda de exportações. Nos anos 90 se registraram alguns fatos atípicos: de um lado os países do sudeste asiático conseguiram aumentar grandemente seus excedentes exportáveis, por outro lado fatores climáticos afetaram a safra do Japão (grande produtor e consumidor) e dos EUA (pequeno produtor que, entretanto, direciona sua safra principalmente para o mercado externo). Em conseqüência, os estoques chegaram ao nível mais baixo do período, enquanto as cotações atingiram patamares dos mais elevados desde a II Guerra Mundial.







Em 1995, os preços médios do arroz (Fob, Bancoque) registraram ligeiro aumento de 1,2% em relação ao ano anterior, mas se mantiveram 25% superiores aos da média do período 1990-94. Segundo o USDA, os estoques mundiais para o ano comercial 1995/96 deverão recuar 12%. O organismo também estima que as exportações mundiais se mantenham abaixo do que foi registrado no ano anterior.

Cacau: os anos 80 registraram o impacto dos aumentos do plantio ocorrido nos anos 70 em resposta às elevadas cotações registradas na época. Surgiram novos produtores na Ásia e na América Latina. Isso contribuiu para romper um mecanismo de regulação da oferta, periodicamente afetada por desastres climáticos que atingiam alguma das duas grandes regiões produtoras, África e Brasil. Nos anos 80, sucessivos superávits levaram ao colapso o Acordo Internacional do Cacau e as cotações a recordes de baixa. No Brasil esses fatos e mais a disseminação da praga vassoura-de-bruxa levaram a lavoura à mais profunda crise de sua história. No mercado mundial, os dois últimos anos foram marcados por redução na produção e ligeiro aumento do consumo, contribuindo para reduzir os estoques e recuperar as cotações.

Milho: a demanda do cereal é condicionada por seu emprego como ração animal. A demanda carnes, diretamente ligada à evolução dos níveis reais de renda, flutua bastante em função das variações da atividade econômica. Sua oferta foi tradicionalmente condicionada pelas políticas de subsídios dos países industrializados. Mais recentemente, o aumento da renda nas economias asiáticas, adversidades climáticas e a redução dos subsídios contribuíram para reduzir estoques que vinham se acumulando nos anos 80.

Em 1995, as cotações do cereal registraram expansão de 4%, mantendo-se 12% acima das verificadas no período 1990-94. O USDA prevê para o ano comercial 1995/96 uma queda de 10% na produção e de 37% para os estoques mundiais

Soja: outra cultura destinada em grande parte à alimentação animal. É uma das poucas commodities importantes para o mercado mundial, com um mercado livre de interferências regulatórias, sejam políticas de subsídios, sejam acordos de produtores e/ou consumidores. Seu mercado é bastante complexo, já que não pode ser estocada por longos períodos sob forma de grão. Da moagem do grão se obtêm óleo e farelo, subprodutos que circulam em mercados bastante diferentes.

O farelo é o subproduto mais importante, do ponto de vista econômico. Sua demanda é derivada da conjuntura do mercado de carnes, uma vez que constitui uma das fontes protéicas mais baratas para o arraçoamento. Já o óleo concorre num mercado onde há grande número de substitutos, tanto de origem vegetal quanto animal. Sua demanda é também determinada por hábitos culinários que dão preferência a determinados tipos de gordura. A oferta é determinada pelo mercado de farelo: se as condições favorecem uma expansão da produção de rações animais, o óleo de soja acabará chegando ao mercado, mesmo que seus preços não sejam favoráveis.

Os gráficos do grão e do farelo mostram que, enquanto a relação entre estoques e preços da soja em grão não é muito forte, há uma clara correlação entre as variáveis quando se considera o farelo.

As cotações da soja em grão recuaram 3% em 1995, enquanto as do farelo se mantiveram estáveis. O USDA projeta para o ano comercial uma queda de 23% nos estoques de soja em grão e de 7% nos do farelo, o que deverá sustentar as cotações ao longo de 1996.

Trigo: importante componente da dieta humana, este cereal, ao contrário do arroz, sempre foi amplamente transacionado no mercado mundial. É um dos produtos mais subsidiados tanto nos EUA quanto nos países da União Européia, e freqüentemente sua comercialização foi controlada por organismos governamentais. Deverá ser portanto um dos produtos mais afetados pela orientação de fim das políticas de subsídio à produção. Nos últimos anos os estoques mundiais foram drasticamente reduzidos, em decorrência de adversidades climáticas que afetaram importantes regiões produtoras, pelo fim da URSS, importante região produtora e consumidora, e pelo aumento do consumo dos países asiáticos.

No mercado mundial de cacau, os dois últimos anos foram marcados por redução na produção e ligeiro aumento do consumo, contribuindo para reduzir os estoques e recuperar as cotações.

As cotações do trigo, em 1995, aumentaram 18% em relação a 1994 e 26% em relação ao período 1990-94. O USDA projeta uma queda de 13% nos estoques mundiais do cereal, apesar de um ligeiro aumento de 2,4% na produção.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

INSUMOS E CRÉDITO RURAL

Balanço de 1995

Encerrado o ano de 1995, os números confirmam as indicações de que no ano passado houve uma redução no uso de fertilizantes e máquinas agrícolas. O valor das vendas de agroquímicos aumentou, mas os recursos do crédito rural registraram decréscimo.

Agroquímicos

O gráfico mostra que nos anos 90 a queda no índice de preços pagos pelos agrotóxicos foi acompanhada de um aumento no valor das vendas. Do valor total das vendas em 1995, 22% correspondem aos inseticidas, 6% aos acaricidas, 15% aos fungicidas e 54% aos herbicidas. Neste cômputo não estão incluídos os formicidas, por motivo de sigilo estatístico. Desde 1989, apenas uma empresa fabrica o insumo.

A variação das vendas totais de agroquímicos foi de 11%, destacando-se os inseticidas que aumentaram 12%. O aumento das vendas dos demais produtos ficou em torno de 7%.

Fertilizantes

Apesar de na média do ano o índice de preços pagos pelos fertilizantes ter-se mantido em queda, as vendas